

O PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA NO CONTEXTO DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA DISCIPLINA DE QUÍMICA (CA/UFSC)

Josiane Eugênio¹, Violeta Porto Moraes², Angelo Diego Supp³

¹Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC/ Colégio de Aplicação - CA/josiane.eugenio@ufsc.br

²Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC/ Colégio de Aplicação - CA/violetapmoraes@gmail.com

³Universidade do Extremo Sul Catarinense/ diegosupphoads@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho propõe reflexões a respeito das práticas inclusivas na formação de professores desde a graduação. O momento do estágio supervisionado possui relevância nos Currículos dos Cursos Superiores e especialmente nos cursos de Licenciaturas, uma vez que possibilitam vivências específicas da docência na formação inicial dos acadêmicos. O principal objetivo deste estudo é investigar de que forma o estágio supervisionado e a prática docente na disciplina de Química constituem-se como locus de conhecimento sobre a inclusão de alunos com deficiência matriculados no Colégio de Aplicação/CA da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado em Florianópolis/SC. A principal motivação é discutir questões que norteiam a prática pedagógica do docente de Química que atua em sala de aula com estudantes com deficiência, sob algumas óticas nem sempre enfocadas pela escola, entendendo que o processo de formação inicia-se no momento da graduação mas se estende por toda a vida profissional. A metodologia para coleta de dados se dará no contato com o Colégio e com os docentes, formando grupo de discussão com os estagiários e os respectivos orientadores, juntamente com os docentes do CA/UFSC que os supervisionarão. Posterior serão realizadas videografações dos grupos de discussão e análise das transcrições das gravações. A pesquisa encontra-se na fase inicial. Até o presente momento, o objeto a ser estudado e o locus onde será realizado o estudo foram delimitados. Acredita-se que problematizando as maneiras que os professores de Química pensam, vivem as experiências que têm para contar, as metodologias que desenvolvem no trabalho especialmente com estudantes com deficiência, a relação que estabelece com estes alunos e comunidade e como dá-se o seu fazer-se professor, poderá revelar um imenso campo de possibilidades de práticas inclusivas na Educação Básica.

Palavras-Chave: Formação de professores. Inclusão. Estágio supervisionado.

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente, ouve-se alguns questionamentos por parte dos professores quanto ao lugar que os estudantes com deficiência ocupam na escola; a dificuldade em lidar com a diversidade; a falta de profissionais para atendê-los; a complexidade em avaliar os alunos e a pensá-los dentro do currículo escolar existente. Nesse cenário, olhar para a formação dos futuros profissionais que atuarão com estudantes com deficiência, nos parece o primeiro passo para pensarmos, compreendermos algumas posturas, muitas vezes arraigadas, dos saberes docentes e do "mal estar" docente frente a inclusão destes alunos em âmbito escolar. Mas, como tornar os docentes ao menos reflexivos frente a esta temática? Torná-los reflexivos não significa em hipótese alguma torná-los os únicos responsáveis pelo processo educativo. É necessário que a instituição como um todo passe a pensar em formas de atuação, onde os múltiplos olhares tornem o processo interdisciplinar de responsabilidade de todos. Nesse sentido, Flach (2009) aponta a necessidade que as universidades trabalhem questões sociais com o aluno desde o início do curso. Sendo

assim, caso se torne docente, atuará de forma mais reflexiva e aberta para as discussões sociais. Nesse sentido, o principal objetivo deste estudo é investigar de que forma o estágio supervisionado e a prática docente na disciplina de Química constituem-se como lócus de conhecimento sobre a inclusão de alunos com deficiência matriculados na Educação Básica, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC. Acreditando que os estágios supervisionados possuem relevância nos Currículos dos Cursos Superiores e especialmente nos cursos de Licenciaturas brasileiros, uma vez que possibilitam vivências específicas da docência na formação inicial dos acadêmicos, os mesmos poderão vivenciar situações de ensino e aprendizagem, articulando teoria e prática. Assim, é importante identificar as concepções dos acadêmicos acerca da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Nesse contexto, a principal motivação desse projeto é discutir questões que norteiam a prática pedagógica do docente de Química que atua em sala de aula com estudantes com deficiência, sob algumas óticas nem sempre enfocadas pela escola, fazendo uma interlocução com os acadêmicos estagiários do curso de Química, entendendo que o processo de formação inicia-se no momento da graduação mas se estende por toda a vida profissional. Acredita-se que problematizando as maneiras que os professores de Química pensam, vivem, as experiências que têm para contar, as metodologias que desenvolvem no trabalho, a relação que estabelece com estes alunos e comunidade, e como dá-se o seu fazer-se professor, poderá revelar um imenso campo de possibilidades. Paim (2005) ao falar do fazer-se professor, mostra que trata-se de um processo contínuo, que ocorre ao longo de toda a vida e não apenas num determinado lugar ou momento, pois enquanto seres humanos estamos nos fazendo constantemente.

2 METODOLOGIA

A metodologia para coleta de dados se dará no contato com a instituição de educação básica e com os docentes da disciplina de Química, formando grupo de discussão com os estagiários e os respectivos orientadores, juntamente com os docentes do Colégio de Aplicação da UFSC, que os supervisionarão. Posterior serão realizadas videografações dos grupos de discussão composto pelos professores da disciplina de Química do Colégio, que estarão supervisionando o estágios dos acadêmicos; os/as Acadêmicos do curso de Química que estarão cursando as disciplinas de Estágio Supervisionado desde o momento inicial do Estágio Supervisionado I, ou seja, no período de observação, até a finalização do relatório; e análise das transcrições das gravações e

caracterização do processo educativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É fundamental refletir sobre a formação dos educadores nesse movimento de educação inclusiva, onde supõe que o professor deva olhar seu educando de maneira que o compreenda muito mais do que um número na sala de aula, mas sim como um ser humano complexo, com necessidades particulares. Conforme Antunes (apud HEN-GEMÜHLE, 2004, p. 143):

O papel do novo professor é o de usar a perspectiva de como se dá a aprendizagem, para que, usando a ferramenta dos conteúdos postos pelo ambiente e pelo meio social, estimule as diferentes inteligências de seus alunos e os leve a se tornarem aptos a resolver problemas ou, quem sabe, criar produtos válidos para seu tempo e sua cultura.

Compreendendo que a formação inicial de professores passa por uma etapa introdutória, que acontece dentro de um espaço institucional específico: A Universidade, entende-se que esse processo formativo é permanente e contínuo. Quando se pensa em formação de professores, geralmente, nos remetemos a ideia de que formar alguém é definitivo, que a forma de fazê-lo está pré-estabelecida, convencionalizada. Vem de longe a ideia de que os estudantes ingressarão nos cursos de Licenciatura e sairão "formados". Essa visão não concebe o professor como mero aplicador de técnicas, como era visto até meados dos anos de 1990, período em que predominava a perspectiva da racionalidade técnica.

Para Pimenta (2012), é importante que se articule a teoria e prática nas ações cotidianas. Desta forma, a construção, o fazer-se do professor inicia-se na academia mas se estende num processo relacional, ou seja, na troca de experiências, informações, e no diálogo constante no ambiente de trabalho, e se dá de maneira social e não individual.

Assim, este trabalho pretende localizar estudos que fundamentam e embasam teoricamente o estágio supervisionado e da prática pedagógica enquanto *lócus* de conhecimento sobre a inclusão e não apenas como um momento de aplicação de teorias, bem como levantar produções relacionadas à formação de docentes acerca de práticas pedagógicas no atendimento de alunos com deficiência.

Nestes espaços de encontro/discussão, espera-se que os sujeitos envolvidos possam para além do compartilhamento de experiências, estratégias e ações, tencionar certezas e verdades absolutas e a pluralidade de percepções próprias de cada ser humano, que dialoga com seu "mundo de vida" a partir dos lugares, ações e relações que

estabelece na/com a sociedade. Entendemos assim, que todas essas interlocuções contribuem para a formação da identidade pessoal e profissional, já que cada pessoa traz em si marcas de seu passado, que pode até fazer compreender as práticas dentro de um contexto histórico social concreto

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa encontra-se na fase inicial. Até o presente momento, o objeto a ser estudado e o lócus onde será realizado o estudo foram delimitados. Inicialmente, pode-se perceber, que a educação inclusiva necessita também de professores que não se acomodem frente ao desconhecido, que estudem, questionem, procurem meios que lhe auxiliem, metodologias e parcerias que possam ajudá-los no desenvolvimento das potencialidades de seus educandos. É fundamental que o educador obtenha conhecimentos que possam auxiliá-lo na prática diária de forma coletiva e diferenciada, que possa atender e valorizar a diversidade de alunos de diferentes possibilidades, no contexto escolar, não esquecendo do respeito às limitações de cada um. A educação inclusiva requer do professor mais do que um diploma com notas exemplares, e mais do que somente boa vontade, exige estar em permanente busca por meios capazes de garantir a promoção da inclusão e da acessibilidade. De acordo com Vygotski (1994) existe uma grande importância na educação escolar dos alunos em geral, bem como, para aquele que possui alguma deficiência no sentido de possibilitar a construção de conceitos científicos. Para que isso seja possível, no caso dos alunos com deficiência, o papel do docente passa a ser de organizador da aprendizagem. As relações sociais estabelecidas entre os sujeitos sociais são de extrema relevância para a aprendizagem, o que aponta para a importância de que todos os integrantes desse processo educativo sejam *visíveis* constituindo assim um processo coletivo e dialógico. Portanto, faz-se necessário que os docentes independentemente da área de atuação, tenham espaços colaborativos, dialógicos e interdisciplinares a fim de refletir sobre o processo educativo dos alunos com deficiência. Por fim, este trabalho, pretende apresentar uma intenção de estudos, que dará origem à escrita de um Projeto de Pesquisa e extensão a ser realizada no ano de 2017 no Colégio de Aplicação da UFSC e encontra-se no momento aberto a sugestões, modificações e alterações que visem contribuir para o desenvolvimento do mesmo.

REFERÊNCIAS

a) Livros,

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lima. **Estágio e Docência**. – 7.ed - São Paulo: Cortez, 2012.

VIGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

b) Dissertações e teses,

FLACH, Carla Regina de Camargo. **A formação pedagógica do professor universitário fisioterapeuta**. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2009.

PAIM, E. A. **Memórias e experiências do fazer-se professor (a)**. 2005.532f. Tese (Tese de Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, Campinas, 2005.